

Eliane Lourdes da Silva Moroⁱ
Lizandra Brasil Estabelⁱⁱ
UFRGS
Fabiana Dupontⁱⁱⁱ
PUCRS

O gênero nos contos de fadas tradicionais e modernos: a outra história de (rapunzel) e os sapatinhos vermelhos

1 Introdução

Desde os tempos mais remotos da história da Humanidade, o gênero é um elemento constitutivo da sociedade, da cultura e da história. A luta pelo espaço feminino vem de longa data com registros do movimento destacando-se a atuação da mulher na busca dos seus direitos na sociedade em que vive. Desde ações isoladas a movimentos coletivos feministas, a mulher representa um gênero nem sempre reconhecido, mas presente em todas as narrativas (da mitologia grega, perpassando os contos de fadas, até a literatura atual).

Da oralidade aos registros escritos, os contos de fadas são os mais conhecidos dos povos ocidentais, assim como a mitologia grega. As fadas se originaram provavelmente da cultura dos povos celtas, como personagens ou figuras reais, na literatura cortesã cavaleiresca do período medieval. Segundo Coelho (2003, p.72) as Fadas ou Damas com poderes mágicos, “tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher”.

Estas narrativas fazem parte da vida humana e eram transmitidas oralmente, através dos contadores de histórias. Com o passar do tempo e o surgimento da prensa, passaram a ser registradas e, desta forma, mais difundidas. Desde a criança no útero materno até o idoso, as histórias originais ou recontadas, são apreciadas por toda a humanidade, em todos os tempos.

A partir da leitura dos contos originais, Rapunzel e Os Sapatinhos Vermelhos, as autoras analisaram outras duas obras, consideradas contos modernos, na literatura infanto-juvenil: “A Outra História de Rapunzel” e “Os Sapatinhos Vermelhos” recontadas por Paula Mastroberti. Através dos personagens apresentados nos contos analisou-se as ações isoladas ou coletivas dos gêneros apresentados: masculino e feminino.

Segundo Busatto (2003, p.82) não importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos apropriar dele para encantar, é necessária consciência de que o amor à palavra é uma virtude; seu uso, uma alegria. Contar histórias é recuperar encantamento, é estabelecer afeto entre quem conta e quem ouve histórias. É brilhar o olho, olho no olho. Contar é encantar, é prazer, é ludismo. Ouvir histórias é se deixar encantar, se deixar conduzir para o mundo da magia, da fantasia, do faz-de-conta...é sonhar...

2 RAPUNZEL E A OUTRA HISTÓRIA DE RAPUNZEL

Mastroberti, ao recontar a história de Rapunzel faz um histórico sobre a obra: a história de Rapunzel tal como traçada pelos irmãos Grimm tem por base contos similares na Itália e na França.

A análise dos contos resultou na caracterização dos personagens:

Pais da Rapunzel:

História original: jovens, lenhador e sua esposa; felizes com a gravidez e o nascimento do primeiro filho. Eram vizinhos da bruxa.

A outra história de Rapunzel: adolescentes, despreparados, gravidez não planejada. Eram *hippies*.

Na relação dos pais nos dois contos, percebe-se a diferença social influenciando a espera do primeiro filho e a constituição da família: a alegria do casal de lenhadores contrapondo o despreparo do casal de *hippies*. A preparação biológica da mulher para ser mãe, em muitas sociedades, seu único e principal objetivo ao se unir ao homem.

Bruxa/Guru:

História original: Bruxa: Egoísta, malvada, sábia. Apresenta um sentimento de posse pela menina. Quando descobre que Rapunzel demonstra afeto pelo príncipe, corta os cabelos da jovem e a manda para o deserto. Engana o príncipe e o derruba da torre.

A outra história de Rapunzel: Guru: Sábia, mística, “protetora”. Não é má, procura orientar os jovens (líder espiritual). A guru mantém Rapunzel confinada, não deixa ninguém chegar perto para preservar a sua pureza espiritual. A falta de informação, a censura, possibilita com que a guru mantenha Rapunzel sobre a sua tutela. Rapunzel é a responsável pelo corte do seu cabelo. A guru permite que Rapunzel vá embora, pois agora ela “está pronta”.

Segundo Louro (1999, p.22-23) “é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Por isso as concepções de gênero “diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.” A personagem da Bruxa na história original caracteriza a maldade, o egoísmo, os sentimentos negativos. A Guru do conto moderno não personifica esse aspecto negativo nas atitudes que toma, pois até permite que Rapunzel vá embora quando está pronta.

Príncipe/Marcus Vinícius:

História original: solitário, mora em um castelo. Descrição dos príncipes dos contos de fadas.

A outra história de Rapunzel: Mora na cidade, filho de um milionário. Vida social ativa. Apesar de estar com outros jovens, sente-se sozinho, um solitário na multidão. Embora não acredite em seres fantásticos, Marcus Vinícius passa a compartilhar com Rapunzel do seu mundo. Metamorfose de Marcus Vinicius: fica cego. Volta-se para dentro de si, deixa de viver somente das aparências. Recupera a visão quando reencontra Rapunzel.

Rapunzel:

História original: Mora no campo, confinada em uma torre; a bruxa a faz prisioneira.

A outra história de Rapunzel: Mora no campo e fica confinada em uma torre. Mora com a “guru”. Fazem parte do seu mundo os duendes, as ninfas. A partir do momento que Rapunzel passa a se encontrar com Marcus Vinícius, ela se modifica. Rapunzel mantinha o cabelo longo como a figura, que para ela era da deusa Afrodite, mãe de Eros (o Amor Universal). Para Marcus Vinícius, Vênus de Boticelli. A metamorfose: Rapunzel corta os cabelos... “Sem o peso do seu cabelo, sentia-se fraca, leve demais, livre demais, a ponto de não conseguir nem caminhar direito”. P.59 Rapunzel deixa de ser menina para ser mulher. Corta o cabelo, vai enfrentar a vida, “está pronta”.

Ao analisar os gêneros masculino, representado pelo príncipe e Marcus Vinicius e feminino, na figura de Rapunzel, na história original os dois personagens (Rapunzel e o príncipe) são solitários: ela na torre e ele no castelo. A diferença entre os gêneros se estabelece na relação de poder: o príncipe tem a riqueza, a nobreza, o castelo o poder de decidir o ir e vir. Rapunzel é prisioneira da bruxa, não tem contato com o mundo exterior e fica à mercê da vontade da sua algoz. Embora Rapunzel tenha ficado sob o domínio da bruxa, tal situação não a anulou como sujeito. Isso se percebe quando desobedecia a ordem da Bruxa e jogava suas tranças para o príncipe ter acesso à torre.

Na concepção de Louro (1999) um dos focos da construção das identidades é o corpo, onde “se pretende ler a identidade dos sujeitos”. O corpo da mulher significa em todos os tempos, o alvo

mais visível “e o mais claro representante da sexualidade”. A força de Rapunzel se concentrava em seus cabelos, caminho de encontros amorosos com seu amado.

3 OS SAPATINHOS VERMELHOS

O conto intitulado “Os Sapatinhos Vermelhos”, de Andersen, segue a linha de outros contos de sua autoria, onde na ternura que ele demonstra, em suas histórias, pelos pequenos e desvalidos, encontra-se a generosidade humanista e o espírito de caridade. No confronto constante que Andersen estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como, também, a superioridade humana do explorado, vê a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais. O tom nostálgico é o que predomina na maior parte dos seus contos, alimentados na realidade cotidiana da sua época, na qual impera a injustiça social e o egoísmo. Em geral, os contos de Andersen se caracterizam com finais trágicos e tons tristes e nostálgicos. Ao mesmo tempo, segundo Coelho (2003, p.25) “mostram à sociedade as injustiças que estão na base da sociedade, mas ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa”.

Entre os diversos valores ideológicos consagrados pelo Romantismo e “facilmente identificáveis nas histórias desse autor”, Coelho (2003) aponta, dentre outros, os que são identificados no Conto “Os Sapatinhos Vermelhos”: defesa dos direitos iguais, pela anulação das diferenças de classe; valorização do indivíduo por suas qualidades próprias e não por seus privilégios ou atributos sociais; ânsia de expansão do eu, pela necessidade do conhecimento de novos horizontes e da aceitação do Eu pelo outro; consciência da precariedade da vida, da contingência dos seres e das situações; crença na superioridade das coisas naturais em relação às artificiais; incentivo à fraternidade e à caridade cristãs, à resignação e à paciência com as duras provas da vida (muito forte nas características do conto analisado); sátiras às burlas e às mentiras usadas pelos homens para enganarem uns aos outros; valorização da obediência, da pureza, da modéstia, da paciência, do recato, da submissão, da religiosidade como virtudes básicas da Mulher.

Mastroberti, na “clássica história de Hans Christian Andersen numa versão para os anos 90” em "Os Sapatinhos Vermelhos", afirma que eliminou a intenção original do autor em passar uma mensagem moral e religiosa através da história de uma menina que é castigada por desobediência e vaidade ao usar indevidamente um par de sapatos. “Apropriei-me desta estrutura para fabular sobre as inseguranças e angústias de uma adolescente com baixa auto-estima, que depende de um par de sapatos para sentir-se aceita pela sociedade”.

No conto de Andersen, a personagem principal não tem nome, sempre chamada de “menina” enquanto no conto de Mastroberti a personagem se chama Caren. No final do conto de Andersen, quem corta os pés da menina é o carrasco de uma aldeia que, chorando, ao cortá-los, pede perdão à menina e a Deus. No Prólogo e no conto de Mastroberti, o Sapateiro é o responsável pelo final trágico.

Os personagens são quase semelhantes, senão em sua descrição física, no seu papel na sociedade em que vivem:

A menina / Caren:

História original: uma menina pobre e sozinha, tão pobre que nem sapatos tinha. Ela morava em uma cabana, na floresta, e seu grande sonho era ter um par de sapatos vermelhos. Passava os dias procurando frutas e nozes para comer, no bosque solitário onde vivia, até que foi adotada por uma velha senhora rica. “Seu sonho era usar os sapatinhos vermelhos”. A apresentação à sociedade foi através da crisma, “porque a velha senhora era muito religiosa e fazia questão de que a menina recebesse esse sacramento”. Essa era uma grande ocasião para ela, que queria que a menina se apresentasse impecável na igreja. Costureiras foram chamadas para fazer o vestido. Agora, a menina era uma pobre aleijada... e teve que aprender a viver dessa maneira, sem sapatos vermelhos, e trabalhando como criada.

História Infanto-juvenil: Caren era uma menina pobre, ‘maltrapilha e descalça’; tinha os cabelos desparelhos e ressecados, “era feia, suja e malvestida”. Ao ser adotada e viver com a sua Madrinha, “tornara-se bela”. Caren traía a confiança da sua Madrinha cada vez que calçava os sapatinhos vermelhos. Foi apresentada à sociedade no Baile Anual do Clube da Cidade, que era “o ponto de encontro de todos os grandes proprietários rurais da região e sede social das elites cidadinas mais próximas. As festas eram famosas pelo luxo e pela ostentação”. (MASTROBERTI, 1995, p. 45).

Senhora que adotou a menina:

História original:

Velha: velha senhora muito rica que andava em uma carruagem dourada. Era muito religiosa. Enxergava muito mal.

História Infanto-juvenil:

Senhora: jovem senhora, “elegante mulher”, “tão alta e magra como uma estátua de mármore, o rosto lembrando a Virgem Maria”. (MASTROBERTI, 1995, p.16). Era a Madrinha. Tentava compensar Caren pela sua infância infeliz.

Sapateiro/Carrasco:

História original:

Carrasco: o carrasco de uma aldeia cortou os pés da menina, penalizado e implorando perdão a ela e a Deus.

Sapateiro: Era um velho sapateiro aleijado, que era considerado muito bom.

História Infanto-juvenil:

Jovem Sapateiro: um jovem muito rico, “herdeiro de uma grande fortuna e de uma fábrica de calçados de fina qualidade. Rico e estranho, comentavam, até meio louco. Até onde se soubesse, não tinha pais, nem parentes. Raramente era visto. Nunca saía. Tampouco recebia visitas”. (MASTROBERTI, 1995, p. 7). Tinha a alcunha de Sapateiro, o Jovem sapateiro Louco. Para Caren, ele era sedutor e tinha um sorriso enigmático.

Segundo Louro (1999, p.40) o poder é percebido não apenas como coercitivo e negativo, “mas como produtivo e positivo.” Na visão da autora, “o poder não apenas nega, impede, coíbe, mas também ‘faz’, produz, incita.” Na análise dos personagens, percebe-se que a sedução pelos “sapatos vermelhos” chama a atenção para as minúcias, para os detalhes, para os desejos e anseios de poder.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Vygotsky (1996, p.12) a chave para entender a psicologia das idades se encontra no problema da orientação, no problema das forças motrizes e na estrutura das atrações e aspirações da criança. Assim, Rapunzel e Caren (a Menina dos Sapatinhos Vermelhos) exerceram a força de buscar a realização dos desejos... Rapunzel desejando a libertação, tomando as rédeas da própria vida e Caren o uso dos sapatinhos vermelhos seja na crisma, seja no baile do *debut*.

Para o adolescente a par de um novo mundo interno, surge um mundo exterior completamente novo. “A transformação da crisálida em mariposa pressupõe tanto a extinção da crisálida como o nascimento da mariposa; toda a evolução é, ao mesmo tempo, involução.” (VYGOTSKY, 1996, p.25). Isso pode ser percebido na metamorfose de Rapunzel ao cortar os cabelos... “Sem o peso do seu cabelo, sentia-se fraca, leve demais, livre demais, a ponto de não conseguir nem caminhar direito”. (MASTROBERTI, 2002, p.59). Rapunzel deixa de ser menina para ser mulher. Corta o cabelo, vai enfrentar a vida, “está pronta”. “Acabou, branquinha. A partir daí, tudo contigo. Já ensinei o que podia”, fala da guru libertando Rapunzel da sua tutela. Caren também apresenta seu mundo interno (os sentimentos, a paixão, a sedução) em um mundo exterior completamente novo:

ao ser “levada” pela madrinha ou a velha senhora rica. Tudo aquilo que era princípio exterior (convicções, interesses, concepção de mundo, normas éticas, regras de conduta, ideais) passa a ser interior.

Os signos contidos em Rapunzel (as tranças, a torre, a prisão) e em Sapatinhos Vermelhos (os próprios sapatinhos de cor vermelha, que não combinavam com a roupa adequada para a cerimônia) representando as convenções sociais da lei ditadas pelo poder: “é rico, pode até ser ridículo”. Como exemplo, os personagens Marcus Vinicius (Rapunzel) e o Sapateiro Louco (Sapatinhos Vermelhos). Finalizamos concordando plenamente com a afirmação de Louro (1999, p.41) quando diz que “os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.”

Segundo Louro (1999), “nos textos antigos é possível perceber, explicitamente, o quanto o corpo ‘fala’ sobre a alma, o quanto ele está implicado e envolvido na sua construção”. “Linguagem, crenças, fantasias, códigos sociais, desejos inconscientes, atributos biológicos constituem a sexualidade, em combinações e articulações complexas. Tal como o gênero, a raça ou a classe, a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura”. A união de texto e imagens, leva-nos ao mundo encantado das fadas e ao interior de nós mesmos. É um retorno à infância, à adolescência, aos nossos mitos e crenças e às diferenças de gênero.

Referências:

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. São Paulo : Vozes, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas: símbolos mitos arquetípicos**. São Paulo: DCL, 2003.

LOURO, L.G. **Gênero, Sexualidade e Educação**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MASTROBERTI, P. **A Outra História de Rapunzel**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MASTROBERTI, P. **Os Sapatinhos Vermelhos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

VYGOSTKY, L. S. **Obras Escogidas IV: psicologia infantil**. Madrid : Visor, 1996.

ⁱ Mestranda em Educação – PPGEdU/UFRGS; Especialista em Informática na Educação. Licenciatura em Letras e Bacharel em Biblioteconomia. Professora do Curso de Biblioteconomia do DCI/FABICO/UFRGS; Coordenadora do Núcleo da Hora do Conto do DCI/FABICO/UFRGS. E-mail: eliane_moro@yahoo.com.br.

ⁱⁱ Doutoranda em Informática na Educação – PPGIE/UFRGS, Especialista em Informática na Educação; Bacharel em Biblioteconomia; Bibliotecária do Colégio Mãe de Deus e do Instituto Santa Luzia – POA/RS; Formadora do PROINESP 2005/2006 – UFRGS/MEC, Membro do Núcleo da Hora do Conto da FABICO/UFRGS. E-mail: estabel@cpovo.net .

ⁱⁱⁱ Especialista em Gestão Educacional - PUCRS. Bacharel em Biblioteconomia. Bibliotecária da Rede Marista de Educação. E-mail: fabiana@maristas.org.br.